



mamíferos

ribeiro s. pedro de moel



A importância do ribeiro para os mamíferos de Portugal

O ribeiro de S. Pedro apresenta características únicas no nosso país, que o tornam num local particularmente interessante para várias espécies de fauna e flora que ocorrem em território nacional. Ao longo do seu curso, este ribeiro atravessa a mata nacional de Leiria, dominada por uma extensa monocultura de pinheiro bravo. Os diferentes habitats presentes na área são altamente condicionados por solos maioritariamente arenosos. Além da referida plantação de pinheiro bravo, existem ainda algumas manchas de matagal e um corredor de vegetação ripícola nas margens do ribeiro, habitats que apresentam características importantes para a sobrevivência de várias espécies de mamíferos. Nas extremidades da mata nacional, o ribeiro é ainda envolvido por dois tipos de habitats particularmente interessantes: plantações agrícolas a montante e zonas dunares a jusante, ambos ecossistemas fundamentais para a proliferação de algumas espécies de mamíferos, nomeadamente roedores. Estes pequenos mamíferos, além da importância que têm por si só, servem de base alimentar para a comunidade de carnívoros presentes em toda a área de estudo. Assim, vemos que toda esta zona poderá ser explorada por uma considerável diversidade de mamíferos.

O reduzido número de edificações no contexto em que está inserido (litoral português), constitui uma agradável exceção num país em que as zonas costeiras são altamente humanizadas e, conseqüentemente, pobres em termos de mamofauna selvagem. Este facto confere uma importância ainda mais particular a esta área.



O que é um Mamífero

No reino animal, a classe dos mamíferos é considerada a mais evoluída e melhor adaptada às actuais condições do meio ambiente. Desta forma, estes animais desenvolveram características únicas que nos permitem distingui-los claramente dos restantes grupos animais. A principal característica dos mamíferos é a presença de um conjunto de glândulas, entre elas as mamárias, utilizadas para alimentar as crias durante a primeira fase das suas vidas. Na sua maioria são animais tetrápodes, com a pele coberta por pêlos, que os ajuda a regular a sua temperatura interna (homeotérmicos). Outra característica fundamental neste grupo é a presença de cérebros relativamente grandes, com uma elevada capacidade de aprendizagem, permitindo desta forma alterações de comportamento que se revelam fundamentais para uma melhor adaptação ao meio.



toirões - *Mustela putorius*

Origem e Evolução

A diferenciação dos primeiros répteis com características de mamífero terá iniciado a partir do grupo de animais conhecidos por sinapsídeos há cerca de 300 milhões de anos. Apesar de não existir uma datação exacta para a divergência deste grupo, existe um bom conjunto de dados que permitem conhecer a evolução dos mamíferos. Os registos fósseis mais antigos são procedentes de rochas do período Triássico, formadas há 225-230 milhões de anos. Simultaneamente, sequências de DNA analisadas em 4.510 espécies de mamíferos permitiram comprovar que os seus ancestrais terão aparecido na Terra há pelo menos 100 milhões de anos. Estes achados indicam a sua coexistência na Terra com os Dinossauros, sendo que muito provavelmente estes mamíferos primitivos seriam pequenos animais nocturnos que viviam na sombra dos grandes e dominadores répteis.

Neste contexto, Portugal é mundialmente reconhecido pela existência de um verdadeiro geomonumento onde se concentram fósseis de mamíferos Jurássicos (com 151 a 154 milhões de anos) excepcionalmente bem conservados: a mina de carvão da Guimarães, a sul de Leiria. Fechada desde 1982, desta mina de lignito foram extraídos milhares de fósseis testemunho da riqueza faunística da região nesse período. Estas descobertas tornaram este local a mais importante jazida a nível mundial de mamíferos e outros pequenos vertebrados do Jurássico superior. O nome Guimarães foi inclusivamente usado para baptizar o primeiro esqueleto de um mamífero do Jurássico a ser descoberto pela comunidade científica, um pequeno animal de sete centímetros chamado *Henkelotherium guimarotae*.

O aparecimento dos primeiros mamíferos derivados só foi possível após a extinção dos Dinossauros há cerca de 65 milhões de anos. Algumas características dos mamíferos terão proporcionado uma maior capacidade adaptativa às adversidades do meio relativamente aos répteis, nomeadamente o facto de regularem a sua temperatura corporal (ao contrário dos répteis cuja condição térmica é dependente do ambiente). A lactação

deverá ter sido também uma das características mais importantes, uma vez que, com todos os cuidados parentais relacionados, protege as crias das contrariedades ambientais até à idade adulta. Neste período evolutivo surgiram dois grupos que se tornaram ancestrais dos diversos tipos de mamíferos actuais: os prototérios (mamíferos ovíparos, representados hoje apenas pelo ornitorrinco e as equidnas) e os térios (mamíferos vivíparos que se extinguíram, mas que originaram os marsupiais e placentários dos nossos dias). Durante o Eocénico e Oligocénico (há 55 a 30 milhões de anos) os mamíferos alcançaram o apogeu da diversidade.

Actualmente, os mamíferos representam um grupo dominante, essencialmente nos ecossistemas terrestres, mas o número de espécies tem vindo a diminuir em grande parte devido à acção directa e indirecta do Homem.

Como encontrar e identificar mamíferos

A maioria das espécies de mamíferos é muito difícil de observar directamente uma vez que grande parte dos animais deste grupo tem hábitos nocturnos. Esta característica comportamental dificulta não só a sua detecção como a sua identificação. Desta forma, para conhecermos as espécies de mamíferos presentes num determinado local temos de recorrer a métodos de identificação indirectos, que correspondem aos chamados indícios de presença. As pegadas e os excrementos são os indícios mais utilizados, porque são os mais fáceis de encontrar e permitem fazer uma distinção entre a maioria das espécies, especialmente dos mamíferos maiores. No caso dos micromamíferos, a melhor forma de identificar espécies é a análise de ossos (principalmente crânios) e pêlos presentes em egagrópilas deixadas por aves de rapina. Algumas destas aves são relativamente abundantes e praticamente só se alimentam de mamíferos de pequenas dimensões, consumindo animais de todas ou quase todas as espécies de micromamíferos presentes num determinado local.

Além dos referidos indícios, a identificação de tocas, camas, pêlos, odores característicos, túneis, escavadelas ou fossadas no solo, arranhões em árvores, pinhas roídas ou indícios de presas mortas, também nos dão indicações sobre as espécies presentes.

Em alguns casos, estes indícios podem não ser suficientes para uma identificação precisa de algumas espécies sendo necessário recorrer a técnicas mais complexas, dispendiosas e/ou invasivas como é o caso da captura de animais (técnica muito utilizada em micromamíferos como complemento à identificação de egagrópilas, pegadas e excrementos); armadilhagem fotográfica (técnica utilizada para mamíferos maiores e que consiste na colocação de câmaras fotográficas, com sensores de movimento ou de calor, em locais em que, pela presença de pegadas ou excrementos, sabemos que existe um animal de uma espécie que não se conseguiu identificar com certeza); ou utilização de aparelhos de ultra-som (no caso do grupo mais difícil de identificar, os morcegos).



crânio de rato – *Mus domesticus*



pegada de raposa - *Vulpes vulpes*

ESPÉCIES DE MAMÍFEROS TERRESTRES IDENTIFICADAS

Tabela I. Espécies detectadas (A) e de ocorrência provável (B) na área envolvente ao ribeiro de S. Pedro de Moel.

	Espécie	Nome comum	Estatuto de conservação			
			E.C.P.	Directiva Habitat	Convenção Berna	Lei da Caça
A	ORDEM INSECTIVORA					
	Família ERINACEIDAE					
	<i>Erinaceus europaeus</i>	Ouriço-cacheiro	LC		III	NC
	Família TALPIDAE					
	<i>Talpa occidentalis</i>	Toupeira	LC			NC
	Família SORICIDAE					
	<i>Crociodura russula</i>	Musaranho-de-dentes-brancos-grande	LC		III	NC
	ORDEM CARNIVORA					
	Família CANIDAE					
	<i>Vulpes vulpes</i>	Raposa	LC			C
	Família MUSTELIDAE					
	<i>Mustela nivalis</i>	Doninha	LC		III	C-reg
	<i>Mustela putorius</i>	Toirão	DD	B-V	III	NC
	<i>Meles meles</i>	Texugo	LC		III	C-reg
	<i>Lutra lutra</i>	Lontra	LC	B-II, B-IV	II	NC
	Família VIVERRIDAE					
	<i>Genetta genetta</i>	Geneta	LC	B-V	III	C-reg
	ORDEM RODENTIA					
	Família APLodontidae					
	<i>Sciurus vulgaris</i>	Esquilo	LC		III	NC
	Família MURIDAE					
	<i>Apodemus sylvaticus</i>	Rato-dos-bosques	LC			NC
	<i>Mus domesticus</i>	Rato doméstico	LC			NC
	<i>Mus spretus</i>	Rato-das-hortas	LC			NC
	<i>Rattus rattus</i>	Ratazana preta	LC			NC
	<i>Rattus norvegicus</i>	Ratazana castanha	NA			NC
ORDEM LAGOMORPHA						
Família LEPORIDAE						
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	Coelho-bravo	NT			C	
ORDEM CHIROPTERA						
Família Vespertilionidae						
<i>Pipistrelus pipistrelus</i>	Morcego-anão	LC	B-IV	III		
B	ORDEM INSECTIVORA					
	Família SORICIDAE					
	<i>Sorex granarius</i>	Musaranho-de-dentes-vermelhos	DD		III	
	<i>Sorex minutus</i>	Musaranho-anão-de-dentes-vermelhos	DD		III	
	<i>Crociodura suaveolens</i>	Musaranho-de-dentes-brancos-pequeno	NE		III	NC
	ORDEM CARNIVORA					
	Família MUSTELIDAE					
	<i>Martes foina</i>	Fuinha	LC		III	NC
	Família HERPESTIDAE					
	<i>Herpestes ichneumon</i>	Saca-rabos	LC	B-V D	III	
	ORDEM RODENTIA (b)					
Família ARVICOLIDAE						
<i>Arvicola sapidus</i>	Rato-de-água	LC			NC	
Família GLIRIDAE						
<i>Eliomys quercinus</i>	Leirão	DD		III	NC	

1. Estatuto de Conservação em Portugal (E.C.P.):

Quase ameaçado = NT
Pouco preocupante = LC
Informação insuficiente = DD
Vulnerável = VU
Não avaliado = NE
Não reúne as condições necessárias para ser avaliado = NA

2. Estatuto de Conservação a nível Europeu (Directivas dos Habitats, transposto actualmente para a legislação nacional pelo Decreto-Lei n.º 49/2005, de 24 de Fevereiro):

B-II – Espécies animais e vegetais (excepto aves) de interesse comunitário, cuja conservação requer a designação de zonas especiais de conservação;

B-IV – Espécies animais e vegetais (excepto aves) de interesse comunitário que exigem uma protecção rigorosa;

B-V – Espécies animais e vegetais (excepto aves) de interesse comunitário cuja captura e exploração pode ser objecto de medidas de gestão.

3. Convenção de Berna – Decreto n.º 95/81, de 23 de Julho – situação legal das espécies segundo os anexos desta convenção:

II – Anexo II: espécies de fauna estritamente protegidas;

III – Anexo III: espécie parcialmente protegida sujeita a regulamentação especial .

4. Lei da Caça – Decreto-Lei n.º 27-B/2000, de 3 de Março (regulamenta a Lei n.º 173/99, de 21 de Setembro):

C – Espécie Cinegética

NC – Espécie não cinegética

C-reg – Espécie Cinegética sujeita a regulamentação especial



raposa - *Vulpes vulpes*

Descrição das espécies com presença confirmada

→ INSECTÍVOROS

Ouriço-Cacheiro (*Erinaceus europaeus*)

Espécie inconfundível devido ao seu revestimento de espinhos que proporciona uma eficaz defesa contra os seus inimigos naturais. O tamanho médio é de 22,5-27,5 cm, com cauda curta.

É uma espécie muito comum que ocupa praticamente todos os tipos de habitats, desde zonas agrícolas, bosques, até zonas dunares.

É um dos mamíferos mais fáceis de observar directamente devido à sua deslocação lenta.



Toupeira (*Talpa occidentalis*)

Vive a maioria do tempo em túneis que constrói, e que são a forma mais fácil de identificar esta espécie (túneis e montículos de terra sempre bem visíveis). O corpo é cilíndrico, com pêlo curto e preto. As patas com garras fortes têm a forma de pás escavadoras (característica inconfundível). Mede aproximadamente entre 11,0-16,0 cm, e possui cauda curta. Ocupa zonas de terrenos agrícolas e outros tipos de solos moles.



Musaranho-de-dentes-brancos-grande (*Crocidura russula*)

Sendo o único musaranho detectado nesta área, as suas características são inconfundíveis. É pequeno (5-9cm e cauda 2,5-5 cm) e possui focinho comprido e fino, típico nos insectívoros. Tem dentes grandes e brancos. A pelagem é castanho avermelhada no dorso e mais clara no ventre. Ocupa grande variedade de habitats desde solo secos a orlas de floresta, jardins, e sebes.



© Copyright www.gardensafari.net

→ CARNÍVOROS

Raposa (*Vulpes vulpes*)

Animal de coloração geralmente castanha-avermelhada, focinho esguio e orelhas erectas, pontiagudas e pretas na parte posterior, garganta geralmente branca com rebordo preto. Mede em média de 58 a 90 cm, com cauda grande (32-48cm), podendo atingir 10kg de peso. Esta é uma espécie de carnívoro bastante abundante devido à sua grande capacidade de adaptação ocupando uma enorme diversidade de habitats. Devido ao seu hábito alimentar oportunista pode ser vista com frequência em cidades e zonas de subúrbio.



Doninha (*Mustela nivalis*)

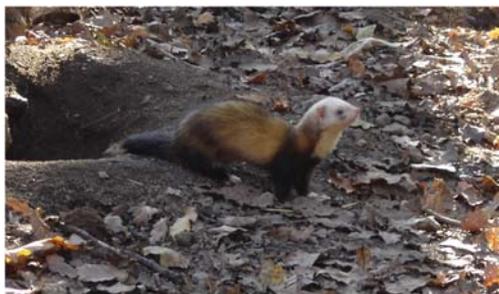
Espécie com corpo pequeno e cilíndrico (machos com 20,2-31,4 cm e fêmeas 17,3-18,1cm), coloração castanho-avelã na região dorsal e branca na região ventral e cauda curta (6-12cm). Ocupa todos os tipos de habitats em que existam presas e refúgio, apresentando actividade tanto nocturna como diurna. É o mamífero carnívoro mais pequeno da fauna portuguesa.



© Copyright Rollin Verlinde / www.natuurbeleving.be

Toirão (*Mustela putorius*)

Possui o corpo castanho-escuro a preto. O focinho e as orelhas são brancos ou apresentam uma espécie de máscara preta. O macho pode atingir cerca de 40 cm de comprimento sendo a fêmea ligeiramente mais pequena. Habita essencialmente áreas arborizadas ou margens de rios próximas de zonas agrícolas. É muito semelhante ao furão (animal doméstico muito utilizado na caça ao coelho).



Texugo (*Meles meles*)

Possui cabeça branca e corpo cinzento, com duas grandes faixas pretas (uma de cada lado atravessando os olhos). O dorso e as patas são negras. Tem o focinho grande e pontiagudo, e as orelhas pequenas. Estas características associadas às dimensões (67-80cm de comprimento e peso que pode ir até 12 kg) tornam esta espécie inconfundível. Pode ser encontrado em zonas de mosaico entre pastagens e bosques, sendo frequentemente observado em campos cultivados.



Lontra (*Lutra lutra*)

Espécie altamente dependente de rios, lagos ou outros pontos de águas. Possui corpo alongado (59-90cm) e esguio adaptado ao mergulho (hidrodinâmico), com membros curtos e cauda comprida (35-47cm). O focinho é largo e as orelhas pequenas. As patas apresentam membrana interdigital. Refugia-se nas margens dos cursos de água (preferencialmente água doce, mas também água salgada) alimentando-se sobretudo de peixes. É um dos mamíferos mais ameaçados em grande parte da Europa, mas é abundante em Portugal.



Geneta (*Genetta genetta*)

Tem pelagem espessa de cor cinzenta amarelada com manchas escuras e com uma linha escura ao longo do dorso. O corpo é pequeno (47-60 cm), as patas curtas e a cauda muito longa (40-51 cm) com anéis alternados claros e escuros. Possui focinho pontiagudo e orelhas grandes, erectas e triangulares. Habita em áreas sossegadas, longe de habitações humanas, com vegetação densa. É frequentemente observada em cima de árvores e pontos altos onde deposita excremento em latrinas.



Esquilo (*Sciurus vulgaris*)

É a única espécie de esquilo em Portugal, sendo por isso inconfundível. Possui cauda longa e em forma de penacho, patas posteriores desenvolvidas e orelhas grandes com um tufo de pêlos durante o Inverno e parte da Primavera. É relativamente fácil de observar directamente, uma vez que tem actividade diurna. O corpo é pequeno, avermelhado e com o ventre amarelo-alaranjado. As patas e focinho são de tom mais escuro, e a cauda castanho-escuro a negra. O habitat preferencial são pinhais, mas pode ser encontrado nouro tipo de bosques.

**Rato-dos-bosques** (*Apodemus silvaticus*)

O pêlo é castanho-escuro na zona dorsal, castanho-amarelado nos flancos e acinzentado claro na zona ventral, não existindo muitas vezes uma demarcação nítida. A cauda, ligeiramente mais curta que o corpo, é escura na parte superior apresentando uma tonalidade mais clara na parte inferior. Possui orelhas, olhos e patas posteriores maiores relativamente às espécies do género *Mus*, característica que permite a sua distinção. O comprimento do corpo é de 9-11 cm. Ocupa quase todo o tipo de habitats sendo uma espécie muito adaptável e abundante.

**Rato-caseiro** (*Mus domesticus*)

Os indivíduos desta espécie apresentam uma pelagem uniforme castanho acinzentada na região dorsal, sendo a região ventral mais clara. Relativamente ao rato dos bosques, o tamanho do corpo é semelhante, mas a cauda é ligeiramente mais comprida e possui olhos e orelhas mais pequenos. É uma espécie capaz de ocupar grande diversidade de habitats, mas normalmente está associada ao homem (lixeiras, sistemas de esgotos, campos agrícolas).



© Copyright www.biopix.dk

Rato-das-hortas (*Mus spretus*)

Espécie muito semelhante ao rato caseiro, mas ligeiramente mais pequeno. A cauda é um pouco mais curta e o corpo normalmente menor (7,0-8,5cm). A pelagem é castanho-acinzentada e é perfeitamente visível o delineamento entre a região dorsal e a região ventral que apresenta uma pelagem de cor cinzento a branco. É relativamente frequente em solos cultivados, em especial terrenos húmidos e com vegetação rasteira. Ao contrário do rato caseiro, evita habitações humanas.



Ratazana Castanha (*Rattus norvegicus*)

De tamanho muito maior do que os ratos do género *Mus* e *Apodemus* (20-28 cm, cauda 17-23cm). A pelagem apresenta variações entre castanho e negro. Difere da ratazana preta, *Rattus rattus*, pelas orelhas mais pequenas, peludas e carnudas; pelos olhos mais pequenos; pela cauda mais curta e espessa, e pela coloração dorsal mais escura e menos uniforme. Ocupa uma grande diversidade de habitats, geralmente associados ao homem (semelhante ao rato caseiro).



© Copyright Roger Barbour / www.discoverlife.org

Ratazana-preta (*Rattus rattus*)

A Pelagem varia entre castanho e preto, sendo esta predominante nas populações urbanas. Ligeiramente mais pequena que a ratazana castanha (corpo 15-24 cm e cauda 11-26cm). De um modo geral aparece perto de edifícios, especialmente nos casos em que estes apresentam cavidades nas paredes, tectos falsos, armazéns etc.



© Copyright Roger Barbour / www.discoverlife.org



LAGAMORFOS

Coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*)

Espécie apenas confundível com a lebre (ausente nesta área). Possui orelhas grandes e arredondadas, desloca-se em pequenos saltos (patas traseiras desenvolvidas, adaptadas a essa locomoção). Habita zonas de matos, terrenos de pasto com arbustos, orlas de terrenos agrícolas, bosques e solos quentes e arenosos. Os excrementos são depositados em latrinas nas margens de caminhos. Esta é uma espécie determinante nos ecossistemas em Portugal uma vez que desempenha um papel muito importante para a maioria dos predadores.



QUIRÓPTEROS

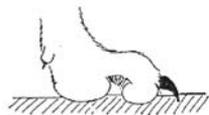
Morcego-anão (*Pipistrellus pipistrelus*)

É o morcego mais pequeno e comum do país e a única espécie confirmada nesta área (corpo 3,5-4,5cm; envergadura de asas 19-25cm). Possui pêlo castanho-avermelhado escuro no dorso e amarelo-acastanhado dos lados. As orelhas, nariz e membrana das asas são negras ou castanho-escuro. É uma espécie muito frequente em toda a Europa ocupando grande variedade de habitats incluindo bosques, jardins, zonas agrícolas e até áreas urbanas. Vive em árvores ou buracos em edifícios velhos. Alimenta-se de várias espécies de pequenos insectos.



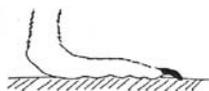
Guia de identificação de indícios

1 Digitígrados



Não marca a totalidade da pata, sendo apenas visíveis os dedos e almofada. A forma dos dedos é redonda/oval. Pode ou não apresentar a marca das unhas. mamíferos carnívoros.....▶ 3

2 Plantígrados



Marca a totalidade da pata, com dedos longos e bem definidos. Unhas sempre presentes. insectívoros, roedores e lagomorfos.....▶ 9

3 Pegada com 4 dedos.....▶ 4

Pegada com 5 dedos.....▶ 5

4 Com unhas marcadas..... Raposa (e cão doméstico)

Nota: A distinção entre as pegadas de raposa e cão doméstico (espécie que também foi detectada na área) pode ser complicada em casos de pegadas deformadas ou pouco marcadas. No entanto, as pegadas de raposa são ligeiramente mais alongadas e com os dedos e unhas direccionadas para a frente, sendo possível desenhar uma linha entre os 2 dedos da frente e os de trás, ou duas linhas que cruzem os quatro dedos.



Sem unhas marcadas (unhas são retrácteis)..... Gato doméstico

Nota: é praticamente impossível encontrar diferenças nas pegadas de gato doméstico e gato bravo. No entanto, na zona do ribeiro de S. Pedro, as espécies de felinos selvagens estão extintas, pelo que qualquer pegada deste tipo deverá pertencer a um gato doméstico.



5 Sem unhas marcadas..... Geneta

Nota: as pegadas de geneta podem por vezes ser confundidas com pegadas de gatos, uma vez que por vezes é difícil distinguir nas pegadas o 5º dedo. Além disso, as unhas nem sempre aparecem marcadas na pegada. Desta forma, para uma identificação segura desta espécie devem considerar-se apenas as pegadas mais características, ou seja, com 5 dedos, e sem unhas marcadas.



Com unhas marcadas.....▶ 6 (Mustelídeos)

6 Com membrana interdigital..... Lontra

Sem membrana interdigital.....▶ 7



7 Pegada de grande dimensão (largura superior a 4,5cm), dedos muito próximos, aproximadamente paralelos, com garras longas bem marcadas..... Texugo

Sem estas características.....▶ 8



8 Pegada anterior com cerca de 1,4cm de comprimento e 1,0cm de largura..... Doninha



Pegada anterior com comprimento médio de 2cm e largura média de 1,5cm..... Toirão



9 Pêlos visíveis na zona da marca dos dedos. Dedos curtos. Pegada posterior muito longa, de comprimento várias vezes superior à largura (típica de um Lagomorfo)..... Coelho bravo

Nota: o coelho bravo é mais facilmente detectado pela presença de latrinas, aglomerados de dejectos cujas dimensões são variáveis. Estas encontram-se frequentemente associadas à presença de pequenas escavações no terreno.



Sem pêlos. Dedos longos e finos. Sem diferenças significativas entre as pegadas anterior e posterior..... 10 (Insectívoros, Roedores e Morcegos)

10 A identificação de espécies pertencentes às ordens dos insectívoros e roedores é difícil tendo como base apenas as suas pegadas, uma vez que, em geral, a forma e dimensão das mesmas se sobrepõe. O uso deste índice de presença é impossível no caso dos morcegos devido à sua deslocação por voo. Deste modo, a identificação das espécies destes grupos que se encontram na zona do ribeiro de S. Pedro poderá ser feita do seguinte modo:

10.1 Insectívoros

a) **Ouriço**visualização directa frequente, inconfundíveis devido ao seu revestimento dorsal e lateral por espinhos; dejectos escuros e repletos de élitros de insectos; trilhos bem visíveis nas gramíneas altas.



b) **Toupeira**facilmente identificável pela presença de montículos de terra na saída dos túneis subterrâneos que utiliza.



10.2 Roedores e musaranhos

a) **Esquilo**actividade diurna e por isso fáceis de visualizar, deslocando-se essencialmente em troncos e ramos de árvores; orelhas grandes, cauda longa e em forma de penacho; restos de comida cascas de nozes rachadas, pinhas de coníferas descascadas (não roídas, mas arrancadas), cascas de castanhas, bolotas, etc.



b) **Ratazanas, musaranhos e ratinhos**identificação normalmente realizada por captura dos indivíduos e comparação das biometrias e coloração da pelagem com base num guia de identificação. As espécies de uma área podem ainda ser identificadas recorrendo à análise de ossadas presentes em indícios dos seus predadores, como regurgitações de aves ou dejectos de outros mamíferos. As pegadas de ratazana são de tamanho superior às dos restantes ratinhos.



pegada de ratazana

10.3 **Morcegos (Morcego-anão)**identificados normalmente através de um detector de ultra-som; visualização directa frequente uma vez que o Morcego-anão é o morcego mais comum.

Indicações para saídas de campo

Sempre que tiver o prazer de fazer um belo passeio ou for propositadamente para o campo procurar a presença de mamíferos deve:

- Registrar num caderno a data, hora, local, condições atmosféricas, bem como todos os indícios e espécies detectadas incluindo uma breve descrição da situação em que se encontram.
- Sempre que possível, consultar no local um guia de campo de mamíferos de modo a proceder imediatamente à identificação das espécies e melhor compreender a dinâmica faunística da zona.
- Fotografar todos os indícios encontrados contendo na imagem uma régua ou algum objecto que possa servir de escala de tamanho (por exemplo, uma moeda).
- Levar sempre um foco de luz, mesmo em passeios diurnos, de modo a poder visualizar melhor algumas grutas, indícios ou tocas, e ainda para evitar permanecer no escuro se por qualquer motivo não for embora antes do anoitecer.
- Num caso mais específico de procura e identificação de mamíferos, poderá ser útil levar material para fazer moldes de pegadas encontradas no campo (por exemplo, gesso).
- Procurar fazer as saídas de campo nas alturas certas. Evitar dias com chuva ou condições meteorológicas difíceis. Os dias seguintes às chuvas poderão ser uma boa altura para encontrar pegadas.
- Deixar sempre os elementos naturais tal como foram encontrados. Se, por qualquer motivo, mexer em algum volte a colocá-lo na sua posição original.

Toda a fauna e flora de um determinado local representam um equilíbrio que só a Natureza consegue manter. Respeite este equilíbrio!



Sabia que...

Em cada ano, cerca de 1000 a 10000 espécies vivas desaparecem ou ficam à beira da extinção devido à destruição dos respectivos habitats. No nosso planeta, um em cada 4 mamíferos está ameaçado.

O mamífero estritamente terrestre mais pequeno do Mundo é o Musaranho-de-dentes-brancos-anão, que não cresce mais do que 36-52 mm de comprimento e pesa 1,6-2,4 g. O maior mamífero é a Baleia Azul, medindo cerca de 30 metros de comprimento e podendo pesar até 187 toneladas.

Os ratos e coelhos possuem dentes que crescem continuamente. Ambos se alimentam com alguma frequência dos próprios dejectos de modo a aproveitar ao máximo os nutrientes.

Os gatos produzem mais de 100 vocalizações enquanto os cães apenas emitem 10 sons vocais. Estes felinos possuem 32 músculos que controlam as orelhas, que podem girar, independentemente, a quase 180 graus. Em proporção ao corpo, os gatos são os mamíferos que possuem os olhos maiores.

A lontra é um dos mamíferos mais brincalhões, brincando dentro e fora de água com frutos, paus ou pedras, e escorregando em encostas enlameadas.

O Toirão costuma fazer reservas de rãs no Inverno, mordendo-lhes a base do crânio de modo a provocar a sua paralisia mas não a morte. Assim, consegue mantê-las frescas por longos períodos de tempo.

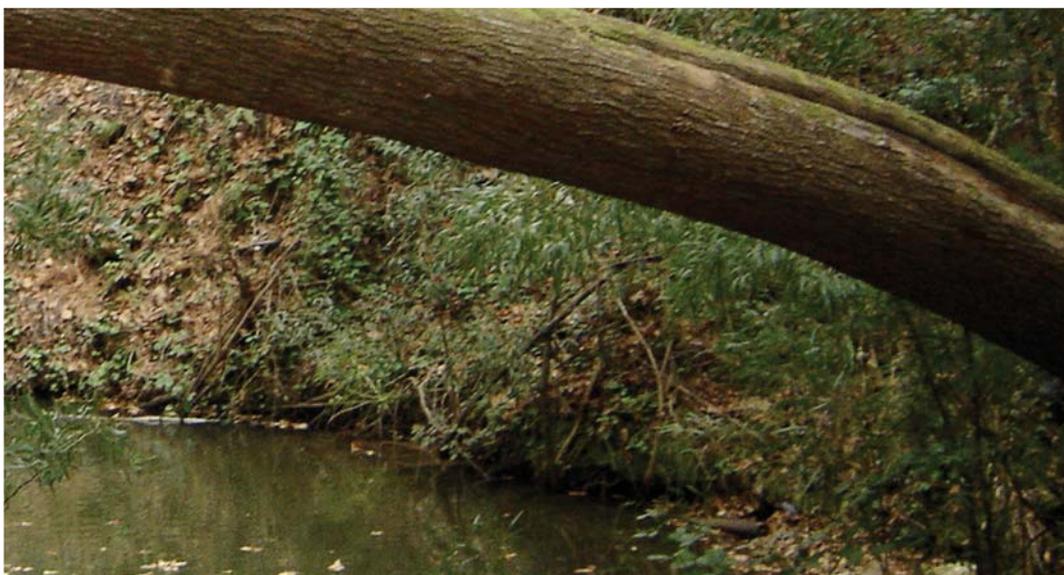
O interior das tocas dos Texugos é um verdadeiro labirinto de túneis que se podem prolongar por mais de 100 metros para o interior da terra.

Uma das características mais impressionantes da Doninha é a sua agilidade, sendo capaz de se abrigar em qualquer buraco do chão ou das árvores.

Um Ouriço-cacheiro respira uma vez de seis em seis minutos quando se encontra em hibernação, em vez das mais de trinta vezes por minuto que normalmente respira durante o período de actividade.

Os únicos mamíferos capazes de voar são os morcegos. As suas asas são, na verdade, os dedos revestidos de pele. O coração dos Morcegos possui um ritmo cardíaco muito acelerado. Em vôo, um morcego pode efectuar 1100 batimentos cardíacos por minuto. Estes animais representam um quarto de toda a fauna de mamíferos do mundo.

Um único morcego anão, que pesa no máximo 8 g, pode consumir até 3000 insectos numa só noite.



Mitos/ Curiosidades

Em Portugal, muitas são as lendas sobre lobos e o seu cariz perigoso e implacável. Em certas regiões, o medo era tal que os habitantes recorriam a rituais para os afugentar. Na verdade, a expressão “lobo mau” adequa-se apenas aos lobos das histórias infantis. O que se verifica é que este carnívoro viveu sempre muito afastado do Homem, temendo a sua proximidade. Mas a invasão humana do habitat natural do lobo fez com que este passasse a proteger activamente as suas crias e a alimentar-se esporadicamente de alguns animais domésticos. É de salientar que muito do gado é atacado por cães que terão sido abandonados pelo Homem e que se terão tornado “selvagens”.

Muitas pessoas no nosso país têm receio dos morcegos por acreditar que se alimentam de sangue e atacam frequentemente qualquer ser vivo. No entanto, das mais de 1000 espécies de morcegos que existem em todo o mundo, apenas 3 são vampiros e existem exclusivamente na América Latina. Nenhum morcego europeu se alimenta de sangue.

Os coelhos são conhecidos pela sua extraordinária fertilidade, facto que desde sempre impressionou as populações humanas e, conduziu a uma associação entre estes animais e a prosperidade e o sucesso. Daí a convicção de que patas e rabos de coelho dão sorte.

As doninhas eram utilizadas na antiguidade como animais domésticos para caçar ratos. Apesar desta proximidade com o homem, a sua relação nunca foi pacífica, o seu aparecimento perto duma casa era considerado mau presságio e o seu chiar anunciava uma morte eminente.

Desde os primórdios o javali é um animal muito associado ao homem: Foi amplamente representado em pinturas rupestres; foi o animal escolhido pelos Gauleses como símbolo de força, coragem e supremacia; Diana (deusa da caça) caçava javalis ; o 3º trabalho de Hércules foi a captura do terrível javali de Erymanthe; Ulisses foi reconhecido pela sua ama devido a uma cicatriz causada por um javali; Homero descreve uma caçada ao javali ocorrida pouco antes do cerco de Tróia...

A raposa é um animal muito conhecido e amplamente caracterizado pela cultura popular. Tradicionalmente foram-lhe atribuídas características como a manha, malícia, ladroagem, esperteza... Estes atributos estiveram na origem de certos ditos populares:

“Não crieis galinhas onde raposa mora, nem crieis mulher que chora.”

”Ainda que mude a pele à raposa, o seu natural nunca despoja.”

“A raposa faz o que o leão não consegue”

“Muito sabe a raposa mas mais sabe quem a toma”

“Raposa morta, ovos frescos de porta em porta”

Conclusão

A conservação da biodiversidade é actualmente considerada uma prioridade a nível mundial, visando a manutenção de comunidades viáveis dos diferentes grupos de fauna e flora. Embora exista alguma controvérsia relativamente às diversas variáveis a ter em consideração quando se pretende promover a preservação de uma espécie, a opinião da comunidade científica é consensual em considerar que as medidas de conservação devem focar-se na manutenção do habitat favorável para a sua natural ocorrência.

No contexto nacional, o ribeiro de S Pedro de Moel merece especial atenção. A existência de populações viáveis de várias espécies de mamíferos neste ecossistema evidencia a sua elevada importância, especialmente considerando a insustentada exploração humana a que este tipo de habitats costeiros têm sido sujeitos. Assim, locais como o ribeiro de S. Pedro e áreas envolventes (nomeadamente toda mata nacional de Leiria) devem ser considerados prioridades por parte das autoridades locais e nacionais, de forma a poder concentrar esforços para conservar/fomentar as suas comunidades biológicas.

Glossário

Mamofauna – termo utilizado para referir todas as espécies de mamíferos

Tetrápodes – animais que se deslocam em 4 patas

Egagrópilas – regurgitações produzidas pelas aves que contêm os restos de alimentos não digeridos

Membrana interdigital – pequena membrana de pele que une os dedos de animais adaptados a nadar.

Élitros de insectos – pequenas cápsulas que constituem o exosqueleto dos insectos e que se encontram em excrementos de insectívoros.





Ficha Técnica

texto_ Duarte Mendes
Graça Macedo
Rita Oliveira

fotos e ilustrações_ Duarte Mendes
Graça Macedo
Rita Oliveira

paginação e design_ Celso Assunção [celso10ign@gmail.com]

produção e edição_ Vertigem - Associação para Promoção do Património [info@vertigem-app.pt]
Março 2008
[1ª edição]

tiragem_ 1000 exemplares



VERTIGEM
associação para promoção do património

Rua Dr. António da Costa Santos, 27B- 1º Dto
2410-084 Leiria

Apoios



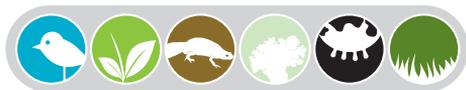
Município da Marinha Grande
"Projecto Museu Nacional da Floresta"



SIMLIS
Saneamento Integrado dos Municípios do Lis, S.A.



Programa «Juventude em Acção»



Ribeiro S. Pedro de Moel
Marinha Grande

produção e edição:
VERTIGEM
associação para promoção do património